

Scott Feiner, pandeirista, americano

O que levaria um guitarrista nova-iorquino, formado na LaGuardia High School of Music & Art — uma das mais tradicionais escolas de música do mundo, em Nova York —, com uma carreira consolidada nos Estados Unidos, a largar tudo para aprender um instrumento estranho, num país idem? Scott Fei-

ner, de 39 anos, há sete no Brasil, conhece muito bem a resposta.

Músico que tocou em clubes como o Visiones e o 55 Bar, em Nova York, com feras como o pianista Brad Mehldau, ele questionava seus rumos musicais, quando um amigo italiano, pianista de um de seus grupos, sugeriu que ele prestasse atenção

na bossa nova. E, através de Tom Jobim e João Gilberto, ele chegou ao samba e ao pandeiro.

—Pesquisei a fundo— diz.— Primeiro, João Gilberto. Depois, Chico, Gil e, mais adiante, a raiz de tudo, o samba.

A primeira vez que veio para o Brasil foi em 1999. Foi para Recife e, antes de voltar, passou três dias no Rio. Nessa viagem, encantou-se ao ver um garoto tocando pandeiro nas ruas de Olinda.

—Fiquei maravilhado com o instrumento. Comprei um pandeiro de gringo, muito ruim, e levei para Nova York. Então procurei brasileiros que moravam lá para me darem uns toques. Quando ouvi o disco “Olho de peixe”, do Lenine com o Marcos Suzano, resolvi que queria aprender a tocar.

Mas tocar, para ele, significava apenas conhecer o instrumento. Era sua intenção quando se mudou para cá, em 2001:

— Eu chegava aos lugares e diziam: “Deixa o gringo tocar...” Até que um dia eu estava em casa e me ligaram para substituir um músico... Nunca pensei em tocar profissionalmente. Gostava de ficar pela Lapa...

Mesmo tocando bem, concorrer com percussionistas brasileiros era inviável, então ele levou seu novo instrumento à sua praia original, o jazz. Enquanto desenvolvia seu projeto “Pandeiro jazz” — lançou o primeiro disco em 2006 — trabalhava como webdesigner e dava aulas de inglês.

Scott lança este mês o CD “Dois mundos”, pela Biscoito Fino, acompanhado de músicos brasileiros. Morador do Humaitá, ele sente falta da oferta de restaurantes de Nova York, mas diz que morar no Rio não tem preço.

— A primeira vez que vi uma roda de samba fiquei arrepiado. Adoro tomar chope na Cobal e caminhar na Lagoa. O carioca não chega na hora. No começo, eu estranhei. Hoje, já chego com 20 minutos de atraso — brinca.

